

O PAPEL DO CONTEXTO NA FORMAÇÃO DE CATEGORIAS EM RELATOS DESCRITIVOS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL

LUCAS MARIO DACUÑA BADARACCO¹; MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA²

¹Universidade Federal de Pelotas – lucasbadaracco@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brumdepaula@yahoo.fr (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a análise de relatos descritivos produzidos por falantes nativos do português do Brasil (PB) e do espanhol do Uruguai segundo a *Teoria de protótipos e de categorias de nível básico* (ROSCH, 1978) e da hipótese *Pensar para falar* (SLOBIN, 1996). Visa-se contribuir com discussões que possam ajudar a responder às perguntas seguintes: o que as formas linguísticas usadas para retratar cenários convencionais do entorno dos informantes revelam sobre o modo como eles categorizam as coisas do mundo? Quais são as semelhanças e as diferenças informacionais entre português e espanhol no que se refere à expressão de elementos do domínio espacial?

Objetiva-se verificar se os relatos dos dois grupos de falantes diferem em relação ao conteúdo das formas linguísticas escolhidas na descrição de cenas. Enfocaram-se, especificamente, o uso de preposições e a proeminência de elementos explicitamente mencionados. Os sujeitos da pesquisa são três falantes nativos do PB e três falantes nativos do espanhol do Uruguai, todos adultos. A eles pediu-se que descrevessem dez gravuras distintas; o *corpus*, pois, é composto por 60 relatos: 30 em língua portuguesa e 30 em língua espanhola. Para analisar e discutir os dados coletados, recorre-se, mormente, às propostas de Rosch (1975; 1978), Lakoff (1980; 1987), Slobin (1996) e De Vogüé, Franckel e Paillard (2011), autores que se inserem na vertente conhecida como *Linguística Cognitiva*. Em consonância com essa perspectiva, adotam-se uma concepção experientialista do significado e um modelo de categorização baseado nas noções de *protótipo* e de *categorias de nível básico*.

As dez gravuras utilizadas nesta pesquisa são desenhos que mostram dois ambientes comuns de uma residência: cinco passam-se em uma sala de estar; cinco, em uma cozinha. Nas cenas, há sempre uma mesma personagem – um menino – cuja localização e cujos movimentos no espaço variam. Uma vez apresentadas representações gráficas iguais aos informantes, interessa identificar as semelhanças e as diferenças cognitivas que sobressaem a partir do uso de cada código linguístico. A categorização verbal de elementos dos

cenários convencionais – como *sofá*, *mesa* ou *cadeira* – ocorreria sempre da mesma forma, independentemente da língua ou do contexto?

Ao tratar de vertentes semânticas, De Vogüé, Franckel e Paillard (2011) expõem pontos de discordância relevantes entre as abordagens denominadas *mentalista* e *construtivista*. Na primeira, os conceitos da mente preexistiriam às formas linguísticas, as quais seriam meras formatações de um pensamento abstrato, de ordem superior e autônomo em relação à linguagem. As discrepâncias interlinguísticas ou contextuais, nessa visão, tratam-se como superficiais, uma vez que só servem para apreender o sentido universal *traduzido* por meio da língua. Ao contrário, na abordagem construtivista – em que se baseia este trabalho –, descarta-se que exista um significado primeiro, pois, a cada contexto particular de comunicação, novos sentidos são criados através da linguagem. Portanto, as formas linguísticas não seriam equivalentes, mas, antes, constitutivas de representações cognitivas únicas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizou-se com seis (06) sujeitos: três (03) adultos falantes nativos do PB e três (03) do espanhol do Uruguai. As coletas com os falantes do PB realizaram-se na cabine acústica do Laboratório Emergência da Linguagem Oral (LELO) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com o auxílio de um *notebook* para mostrar as imagens e do programa Audacity para gravar os dados de fala. As entrevistas com os falantes do espanhol fizeram-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com os mesmos equipamentos, exceto a cabine acústica. As amostras são de língua falada: relatos descritivos obtidos em situações de comunicação real.

O procedimento consistiu em dispor, na tela do *notebook*, gravuras em que se retratam cenas produzidas especialmente para esta pesquisa. Foram criados cenários (nos quais há sempre a mesma personagem) que ocorrem em dois ambientes convencionais de uma residência: uma sala de estar e uma cozinha. Pediu-se aos sujeitos que, olhando uma gravura de cada vez, respondessem a questões, especialmente formuladas de modo que surgissem relatos descritivos – em oposição a relatos narrativos. Por fim, fez-se a análise e a discussão dos resultados, atentando para as realizações linguísticas concernentes a preposições e a elementos explicitamente mencionados do domínio semântico espacial. O método utilizado é adaptado dos experimentos de Slobin (1996). Eis um exemplo de imagem que se elaborou para este estudo:

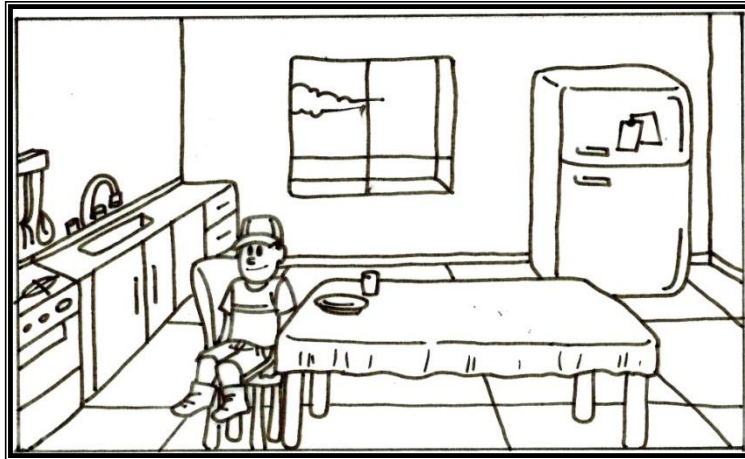


Figura 1 – Menino sentado na cozinha

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Controlou-se, especialmente, o uso de partículas preposicionais (preposições e locuções prepositivas) na expressão da localização espacial da personagem das cenas. Porém, consideraram-se somente aquelas que remetem ao eixo espacial vertical, e não ao horizontal. Assim, foram computadas as preposições em casos como “o menino está sentado *na* cadeira” ou “o menino está em pé *no* tapete”, mas não naqueles como “o menino está sentado *do* lado da pia da cozinha” ou “o menino está em pé *entre* o sofá e a escada”.

Nas imagens, a personagem ora estava sentada, ora estava em pé em diferentes lugares dos ambientes. Constatou-se ser de fundamental importância verificar a natureza do objeto alvo da ação da personagem na escolha das formas preposicionais, uma vez que pode ser um fator condicionador. Relaciona-se a isso um dos princípios gerais básicos na formação de categorias, o que se refere à percepção de um mundo em que os atributos de entidades e de objetos se inter-relacionam:

“[...] ao considerar um participante com a programação motora para sentar, é fato do mundo percebido que objetos com os atributos perceptuais de cadeiras são mais provavelmente aptos a funcionarem para sentar que objetos com a aparência de gatos.” (ROSCH, 1978, p.29).

A fim de buscar pistas de que os falantes, de fato, regem-se por esse princípio básico de categorização, separaram-se os relatos produzidos pelos informantes segundo dois tipos de cenário. O primeiro tipo concerne às cenas prototípicas, nas quais a personagem está sentada ou em pé em lugares que tipicamente servem para isso. O segundo, por sua vez, diz respeito às cenas não prototípicas, nas quais a personagem está sentada ou em pé em lugares incomuns.

Os resultados preliminares sugerem haver relação entre as preposições espaciais escolhidas e a natureza dos objetos alvos da ação da personagem. No que respeita à frequência de uso, das 28 preposições que os falantes de

português produziram, 20 ocorreram nos cenários não prototípicos e 8 nos prototípicos. Por seu turno, das 18 que os falantes de espanhol produziram, 12 ocorreram nos cenários não prototípicos e 6 nos prototípicos. A frequência maior em cenas atípicas parece indicar que, nelas, os falantes sentem-se influenciados a fornecer mais detalhes sobre a situação, os quais se omitem em cenas típicas. Uma das hipóteses deste trabalho, portanto, é a de que o contexto teria um papel central para determinar aquilo que deve ser dito ou aquilo que pode ser dispensável.

Além disso, a semântica das preposições empregadas não foi igual nos dois tipos de cenário. Nos falantes de português, das 20 preposições usadas em cenas não prototípicas, o tipo mais recorrente foi *sobre* (50% das ocorrências), seguido de *em cima de* (25% das ocorrências) e *em* (25% das ocorrências). Das 8 usadas em cenas prototípicas, o tipo mais recorrente foi *em* (62,5% das ocorrências), seguido de *sobre* (37,5% das ocorrências). Nos falantes de espanhol, a proporção foi bastante similar: das 12 preposições usadas em cenas não prototípicas, os tipos mais recorrentes foram *sobre* (41,7%) e *encima de/ arriba de* (41,7%), seguidos de *en* (16,6%). Das 6 preposições usadas em cenas prototípicas, o tipo mais recorrente foi *en* (66,6%), seguido de *encima de/ arriba de* (33,3%). Pode-se sugerir, com base nos dados, que a natureza do cenário exerce um papel importante, uma vez que não somente houve diferenças na frequência de uso de preposições, mas também no tipo preferido em cada contexto. Enquanto em cenas prototípicas preferem-se preposições não marcadas e de sentido global ou polissêmico (SLOBIN, 1996) – como *em* –; em cenas não prototípicas, preferem-se preposições marcadas e de sentido restrito – como *sobre* e *em cima de*. Desse modo, é pertinente, ainda, investigar os processos envolvidos na categorização do objeto alvo da ação da personagem.

4. CONCLUSÕES

Os resultados deste trabalho são parciais e fazem parte de uma pesquisa mais abrangente, cuja conclusão está prevista para o fim de 2015. Não obstante, a análise dos dados de seis sujeitos permite levantar hipóteses sobre as preferências que falantes de português e de espanhol têm ao descrever cenários. Uma delas respeita ao uso de partículas preposicionais e à sua relação com a categorização de elementos do domínio espacial. A análise de um número maior de dados à luz, sobretudo, da proposta de Rosch (1975; 1978) pode trazer evidências significativas de que as formas linguísticas expressam diferentes percepções de mundo. Buscam-se, assim, possíveis respostas para os seguintes questionamentos: por que, afinal, prefere-se a estrutura *sentar na cadeira* à estrutura *sentar em cima da cadeira*? E por que, contrariamente, recorre mais *sentar em cima da mesa* em vez de *sentar na mesa*?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. In: *Journal of Experimental Psychology: General*. v. 104, nº 3. 1975. p.192-233

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (Orgs.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p.27-48.

SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Orgs.). *Rethinking linguistic relativity*. New York: Cambridge University Press, 1996. p.70-96